

A moldura do Brasil: *Aquarela Brasileira* ou o *Samba do Crioulo Doido*?

Anne Egídio

Anne Egídio é psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Proponente e uma das coordenadoras do grupo de trabalho, pesquisa e intervenção “A cor do mal-estar: psicanálise e racismo – da invisibilidade do trauma ao letramento”. Integrante da Comissão de Reparação do referido Departamento e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP.

Resumo O artigo explora as representações do Brasil por meio dos sambas-enredo *Aquarela Brasileira*, de Silas de Oliveira, e *Samba do Crioulo Doido*, de Stanislaw Ponte Preta, a fim de pensar conceitos como “moldura”, *frame*, *setting analítico*, enquadre e metaenquadre, atravessados pela violência racista, objetivando uma reflexão tanto sobre os efeitos psíquicos da violência racista quanto acerca da necessidade de uma abordagem decolonial na clínica psicanalítica.

Palavras-chave enquadre; espaço potencial; denegação; metaenquadre; psicanálise; racismo.

DOI: 10.70048/percurso.74.25-34

Vamos de história?

AQUARELA BRASILEIRA

Vejam essa maravilha de cenário

É um episódio relicário

Que o artista, num sonho genial

Escolheu para este carnaval

E o asfalto como passarela

Será a tela

Do Brasil em forma de aquarela

Passeando pelas cercanias do Amazonas

Conheci vastos seringais

No Pará, a ilha de Marajó

E a velha cabana do Timbó

Caminhando ainda um pouco mais

Deparei com lindos coqueirais

Estava no Ceará, terra de Irapuã

De Iracema e Tupã

Fiquei radiante de alegria

Quando cheguei na Bahia

Bahia de Castro Alves, do acarajé

Das noites de magia, do Candomblé

Depois de atravessar as matas do Ipu

Assisti em Pernambuco

A festa do frevo e do maracatu



*o que pretendemos
trazer para reflexão é:
qual seria, de fato,
a moldura do Brasil?*

Brasília tem o seu destaque
Na arte, na beleza, arquitetura
Feitiço de garoa pela serra
São Paulo engrandece a nossa terra
Do leste, por todo o Centro-Oeste
Tudo é belo e tem lindo matiz
E o Rio dos sambas e batucadas
Dos malandros e mulatas
De requebros febris

Brasil, estas nossas verdes matas
Cachoeiras e cascatas de colorido sutil
E este lindo céu azul de anil
Emolduram, aquarelam meu Brasil
Lá, larárá
Lá, larárá
S'imbora
Lá, larárá
Lá, larárá

Este samba foi composto por Silas de Oliveira em 1964 para a Escola de Samba Império Serrano, tendo sido reeditada para o carnaval de 2004. A música ficou para história, apesar de a Escola de Samba Império Serrano não ter ganhado os carnavais de 1964 e nem de 2004.

É importante sinalizar aqui que o compositor Silas de Oliveira era um homem negro, nascido na cidade do Rio de Janeiro, tendo vivido por lá entre os anos de 1916 e 1972. Era assíduo frequentador das rodas de samba desde pequeno, contrariando seu pai, um pastor protestante.

Silas de Oliveira, um dos maiores compositores de samba-enredo de todos os tempos, foi um dos fundadores do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, ou simplesmente,

Império Serrano, sediada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Voltando à composição de *Aquarela Brasileira*, esta possui uma letra de grande reconhecimento. O autor vai, paulatinamente, pintando “a maravilha de cenário”, ao traçar o colorido do Brasil de norte a sul, aquele que “o artista num sonho genial, escolheu para este carnaval”, metaforizando o asfalto (a passarela do samba, nos desfiles de carnaval) como sendo a tela na qual será pintado “o Brasil em forma de aquarela”, tal como afirma o autor. Trata-se de um samba-enredo que descreve o Brasil a partir de uma viagem onírica, em que se destacam sua beleza natural e seus aspectos culturais.

Esse samba-enredo faz uma exaltação à geografia do Brasil, aos seus monumentos arquitetônicos e à diversidade cultural do país, elementos que o artista “num sonho genial escolheu para este carnaval”, fazendo, assim, uma homenagem ao clássico samba *Aquarela do Brasil*, de autoria de Ary Barroso.

De fato, em termos naturais e geográficos, o Brasil possui uma maravilha de cenário. No entanto, o que pretendemos destacar aqui e trazer para reflexão é: qual seria, de fato, a moldura do Brasil?

Tal indagação nos remete a pensar em um outro autor que, na mesma época, compôs uma música (na verdade, tratava-se de uma sátira de um samba-enredo) que não sabemos ao certo se ela se tornou um clássico da MPB, mas seu título, sem dúvida, virou sinônimo de confusão. Estamos nos referindo aqui ao *Samba do Crioulo Doido*, música composta em 1966 por Stanislaw Ponte Preta – pseudônimo de Sérgio Porto, conhecido jornalista, cronista e humorista do jornal *Última Hora* nos anos de 1960. A música havia sido composta para fazer parte de um quadro do *Show Pussy Pussy Cats*, e a letra diz o seguinte:

Este é o samba do crioulo doido
A história de um compositor que
Durante muitos anos obedeceu ao regulamento
E só fez samba sobre a história do Brasil

E tome de inconfidência, abolição, proclamação, Chica da Silva
 E o coitado do Crioulo tendo que aprender
 Tudo isto para o enredo da escola
 Até que no ano passado escolheram um tema complicado
 A atual conjuntura
 Aí o crioulo endoidou de vez e saiu este samba

(Uma voz masculina em *off* enuncia o trecho acima)

Foi em Diamantina onde nasceu J.K.
 Que a princesa Leopoldina lá resolveu se casar
 Mas Chica da Silva tinha outros pretendentes
 E obrigou a princesa a se casar com Tiradentes

Laiá, laiá, laiá, o bode que deu vou te contar
 Laiá, laiá, laiá, o bode que deu vou te contar

Joaquim José, que também é da Silva Xavier
 Queria ser dono do mundo
 E se elegeu Pedro Segundo
 Das estradas de Minas, seguiu pra São Paulo
 E falou com Anchieta

O vigário dos índios aliou-se a Dom Pedro
 Acabou com a falseta
 Da união deles dois ficou resolvida a questão
 E foi proclamada a escravidão
 E foi proclamada a escravidão

Assim se conta essa história
 Que é dos dois a maior glória
 A Leopoldina virou trem
 E Dom Pedro é uma estação também

Oh-oh-oh, o trem tá atrasado ou já passou?
 Oh-oh-oh, o trem tá atrasado ou já passou?

Como escritor e humorista, Stanislaw Ponte Preta, ao satirizar aquele momento político pré-AI-5, em que as escolas de samba cariocas eram obrigadas a compor somente temas da história do

como escritor e humorista,
 Stanislaw Ponte Preta
 produz um samba
 sem fundamento histórico



Brasil, o faz tendo como personagem um representante do povo (ou do morro), da época em que os desfiles das escolas de samba não recebiam superinvestimentos monetários. Valendo-se de um personagem qualificado pelo compositor como *crioulo doido*, o qual, supostamente por não ter entendido a *atual conjuntura* – tema hipotético para os sambas daquele ano –, e por uma suposta ignorância atribuída ao crioulo (a nosso ver, aos negros, em geral), produz um samba, do ponto de vista histórico, sem fundamento.

À época, o compositor – homem branco, intelectual e autorizadíssimo pela conjuntura de seu tempo – produziu uma canção debochada que atualmente pode e deve ser entendida como racismo recreativo, aliás, concordo com Pereira¹, que nos adverte que:

O prestígio daquele autor impôs silêncio constrangido a muita gente. Era evidente a racialização, além do mais porque também há compositores brancos no mundo do samba, e o humor negro (ou melhor, branco). Flagrante, por sinal, a insensatez da “piada”: compositor “pirado”? Ao contrário, comum é lembrar facilmente de grandes sambas enredo nas Escolas de Samba, mesmo entre os não vencedores, que não “chegaram à avenida”. Por que foi fácil para aquele intelectual fazer a piada racista? Primeiro porque ele podia fazê-la: sua expressão era assegurada em coluna regular de importante jornal de circulação nacional. Segundo, que no país da democracia racial ele tinha liberdade para isso, pois ninguém é racista: era apenas uma brincadeira... Terceiro, porque ele não conhecia (ou conhecia pouco) o mundo do samba, para saber do cuidado com a criação artística, poética, e o lugar especial que têm naqueles contextos. Existencialidades e sociabilidades nos “meios negros” em

¹ A.M. Pereira, “A Lei 10639/03 e as-os agentes da lei”, *Portal Geledés*, 18. set. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-lei-10-639-03-e-os-agentes-da-lei/>>.



a questão é como
fica esse espaço potencial
em um ambiente
atravessado pelo racismo

quase todas as regiões brasileiras são pouco conhecidas,
e quase sempre estereotipadamente.

Esse samba satírico do crioulo doido se popularizou nos anos 1970, mas seu título se disseminou em nossa cultura como sinônimo de confusão, caos ou desordem, projetando na população negra, uma vez mais, a ideia de desorganização e ignorância.

Dois Brasis

Decerto que existe o Brasil que foi emoldurado em *Aquarela Brasileira*, de Silas de Oliveira, mas também existe o imprevisível de um Brasil localizado no bojo da sátira do *Samba do Crioulo Doido*, de Stanislaw Ponte Preta, que até os dias hoje – conhecendo ou não o contexto da letra da música – é traduzido livremente como confusão, desordem ou bagunça, reforçando, assim, o estereótipo de que pessoas negras vivenciam ou promovem a desordem, a bagunça e o caos.

Esse imprevisível parece não apontar para a possibilidade de que tenhamos um ambiente suficientemente bom na oscilação entre esses dois Brasis, metaforizados nas letras do sambista e do humorista, levando-nos a pensar acerca da afirmação de Winnicott² de que “o espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo dependem de experiências que levem à confiança”.

A questão é como fica esse espaço potencial em um ambiente atravessado pelo racismo, em uma sociedade que oscila entre um espaço onírico – tal qual o descrito por Silas de Oliveira,

em sua *Aquarela Brasileira* – e um real que projeta em mais da metade de sua população a ideia contida na paródia composta por Stanislaw Ponte Preta, depositada na personagem crioulo *doido*.

Seguindo com Winnicott, nesta clínica, tal como proposta pelo psicanalista inglês, serão precisamente os fenômenos psíquicos das primeiras experiências do sujeito enquanto bebê e seu ambiente familiar que estarão no centro e que permitirão ou não a existência de um espaço possível, caracterizado pelo autor como “suficientemente bom”, para poder desenvolver ferramentas e habilidades a serem instrumentalizadas no decorrer de sua vida.

A poesia de Silas de Oliveira exemplifica a habilidade dos poetas de expressar, de maneira onírica, a vida e a criatividade humana. Em *Aquarela Brasileira*, ele recria o mundo que lhe foi apresentado, transformando em cores vivas a moldura de um Brasil que não é suficientemente bom para cidadãos e cidadãs marcados(as) pela cor de suas peles.

Se, de um lado, temos o poeta Silas de Oliveira, que emoldura e aquarela o nosso Brasil, retratando a capacidade do brincar (redesenhar e colorir o país), de outro, temos Stanislaw Ponte Preta satirizando este mesmo país, projetando em corpos racializados o que ficou de indizível entre nós. Assim, seguimos entre uma moldura e outra, ora maravilhados, ora estarecidos.

Trata-se de molduras que se sobrepõem, protegidas por uma espécie de *passe-partout*, que ousaríamos chamar de denegação, que tem como função impedir o acesso à violência fundante deste país, ou seja, a violência que se encontra na base da formação de nossa sociedade ou nação.

No contexto da fundação do Brasil, essa violência fundante inclui os quase quatro séculos de escravização de africanos e de seus descendentes, bem como o extermínio dos povos originários, de modo a isolar a obra *Brasil* do cerne de sua trágica fundação do real que está por aí e que segue repetindo as violências cotidianas, as quais têm como pano de fundo o passado recusado e protegido por essa espécie de *passe-partout*, tão conhecido por nós brasileiros como democracia racial.

Emoldurando ou *enquadrando* o Brasil?

Winnicott³, assim como Ferenczi, reconhece a importância da realidade do ambiente no processo de constituição de nosso psiquismo, de modo que a clínica praticada pelo psicanalista inglês nos permite pensar para além do conflito, do recalque e do tornar consciente o inconsciente, conduzindo-nos a pensar naquilo que sequer pôde se constituir. Minerbo⁴ disserta que, “em alguns casos tratados por Winnicott, ele percebeu que não se tratava apenas de conflito, mas também de *déficit*, isto é, o objeto falhou em aportar elementos fundamentais para a constituição do sujeito ou aportou elementos traumáticos que exigiram do *self* uma amputação do ser”.

Winnicott fala do ambiente suficientemente bom, mas não deixa de considerar os distúrbios oriundos da falha do ambiente em se adaptar às necessidades do bebê. Acreditamos que, num ambiente alicerçado pela violência fundante que é a base do racismo estrutural – violência experimentada em momento muito precoce da vida de crianças negras, quer seja pela via do racismo direto ou pelas circunstâncias desfavoráveis oriundas da exclusão dessa população, resultado do racismo estrutural –, o que se produz é a intrusão, uma séria ameaça à continuidade do ser.

Na clínica que pratico, observa-se a exigência, por parte do *self*, da amputação do ser no indivíduo que experienciou a violência racista nos primórdios de sua infância. O conflito também está lá, mas esse *déficit* deve ser levado em conta

penso nos arranjos
autoplásticos de Ferenczi
cujo objetivo é
a busca da sobrevivência

pelo analista que se propõe à escuta dessa experiência traumática, o que implicará no modo de agir do analista, descrito através do conceito de *setting* como somatório de todos os detalhes do manejo. Ao demonstrar uma adaptação adequada às necessidades, gradualmente, isso será reconhecido pelo paciente como um estímulo à esperança de que o verdadeiro *self* possa finalmente se arriscar e iniciar uma vivência plena.

Neste momento, penso nos arranjos autoplásticos de Ferenczi⁵, cujo objetivo é a busca da sobrevivência. Em razão de o ambiente ser hostil, e a criança não tendo capacidade para modificá-lo, a saída será fazer adaptações alterando a base do *eu*.

Winnicott⁶ relaciona distúrbios semelhantes às falhas na capacidade de o ambiente se adaptar às necessidades do bebê, de modo que o *self* será constituído em torno das reações e defesas desenvolvidas para o enfrentamento das falhas do ambiente. O que advirá daí será um *falso self*, de acordo com os padrões da falha, com a finalidade de proteger o eu verdadeiro. As consequências serão o seu empobrecimento e o seu não desenvolvimento. Dessa forma, a pessoa vivencia um vazio de experiência ou uma não experiência, ou seja, “nos termos próprios da experiência psíquica, podemos dizer que ocorreu algo que não é reconhecido como tendo ocorrido”⁷.

Winnicott⁸ destaca que, para situações em que há um ego intacto e o psicanalista está certo da qualidade dos cuidados iniciais (ou de que houve um ambiente suficientemente bom), o *setting analítico* se revela menos importante do que a interpretação.

Khan⁹ enfatiza a importância das pesquisas em torno da psicologia do ego que se seguiram após a Segunda Guerra, trazendo luz à importância

2 D.W. Winnicott, “A localização da experiência cultural”, in *O brincar e a realidade*, p. 166.

3 D.W. Winnicott, “Desenvolvimento emocional primitivo”, “Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico”, “Formas clínicas da transferência”, *Da pediatria à psicanálise* (respectivamente: p. 281-299, 462-485, 486-492).

4 M. Minerbo, *Transferência e contratransferência*, p. 142.

5 S. Ferenczi, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, *Psicanálise IV*, p. 118-119.

6 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 486-492.

7 N.E. Coelho Jr., “A matriz ferencziana”, *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura*, p. 117-185.

8 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 486-492.

9 M. Khan, “Regressão e integração no *setting* analítico: estudo clínico sobre os aspectos transferenciais e contratransferenciais desses fenômenos”, *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*, p. 169-170.



*Kaës conceitua o sujeito
como sendo sujeito do vínculo,
ou sujeito grupal, haja vista
que existe dentro
de um grupo, o familiar.*

do meio nos estágios do desenvolvimento do ego, o que aponta para uma maior sensibilidade do analista e do seu *setting analítico* no estabelecimento e desenvolvimento clínico do paciente.

Khan¹⁰ vai buscar em Milner 1952¹¹ uma sustentação para o entendimento do sentido ou do papel do *setting analítico*, a partir do que ela discorre sobre o papel da moldura nos quadros pintados em que “a moldura delimita o tipo de realidade diferente que está dentro dela da que está fora”; contudo, “uma moldura especial temporal delimita o tipo de realidade especial de uma sessão psicanalítica”, aproximando, dessa maneira, a ideia de moldura ou *frame* de Milner ao *setting analítico*.

Moldura ou *frame* para Milner, *setting analítico* para Khan, neste trabalho, será pensado como *enquadre* (Bleger). A partir da definição de Winnicott¹² de *setting* como sendo “o somatório de todos os detalhes do manejo”, Bleger¹³ propõe:

o termo *situação psicanalítica* para a totalidade dos fenômenos incluídos na *relação terapêutica* entre analista e paciente. Essa situação compreende fenômenos que constituem um *processo*, que é o que estudamos, analisamos e interpretamos; porém inclui também um *enquadre*, isto é, um “não processo”, no sentido de que são as invariáveis que formam a moldura dentro da qual se dá o processo.

Ou seja, a moldura ou *enquadre* só pode ser percebida quando há instabilidade no *setting analítico*.

Winnicott¹⁴ preconiza que, para casos em que o ambiente falha em sua tarefa de adaptação de modo ativo, produzindo uma intrusão e ameaça na continuidade do ser, teremos que priorizar o *setting* (ou manejo); terá de haver o reconhecimento por parte do analista de suas falhas

quando elas são fonte de sofrimento para o analisando. O papel da transferência nesses casos ganha relevância, pois há que se permitir que o presente do paciente retorne ao passado, diferentemente do que ocorre na neurose de transferência em que o passado é levado ao consultório.

É necessário que possa ocorrer o reconhecimento, por parte do analista, de suas próprias falhas (e não uma atitude defensiva por parte deste). Tal reconhecimento permitirá que ela seja usada e tratada como uma falha antiga, “que o paciente pode agora perceber e abarcar, e zangar-se por isto”¹⁵. Para que isso resulte bem, o analista deve ter em mente as suas falhas, naquilo que elas representam para o paciente, devendo assumi-las para si, o que implicará o exame de sua contratransferência inconsciente.

Do enquadre ao metaenquadre

Ao ampliarmos o campo de visão acerca dos conceitos de moldura, *frame*, *setting analítico* e *enquadre*, especificamente deste último, consideramos oportuno trazer a contribuição de René Kaës, a fim de pensarmos uma dimensão maior desse *enquadre* que pouco tem sido levado em consideração na psicanálise brasileira.

Kaës¹⁶ conceitua o sujeito como sendo sujeito do vínculo, ou sujeito grupal, haja vista que existe dentro de um grupo, o familiar. Nesse sentido, Kaës é um dos principais autores que sustentam que o sujeito do inconsciente é sujeito do vínculo, do grupo ou de um determinado contexto.

Kaës¹⁷ parte da conceituação de *enquadre* proposta por Bleger¹⁸ para recorrer à noção de *metaenquadre* ou *enquadre do enquadre*, pontuando que “todo *enquadre* é *enquadrado* por um *enquadre* que o contém, sustenta, atrapalha ou trava”. O primeiro autor considera importante tal concepção para que possamos compreender as relações de *enquadres* diversos (o *enquadre* psicanalítico da cura, o *enquadre* psicanalítico da supervisão e o *enquadre* da instituição psicanalítica).

O prefixo *meta* do qual Kaës¹⁹ faz uso a fim de conceituar o *metaenquadre* é empregado como



ao considerarmos o ambiente
de forma mais abrangente,
tangenciamos o conceito
de metaenquadre

sucessão no tempo e no espaço (por exemplo, metafísica vem depois da física em Aristóteles) e, nesse sentido, interessa-lhe tal definição para se pensar, após o evento, acerca dos dispositivos de fundo que enquadram os processos ou formações por nós observadas, as quais, via de consequência, lhe são preexistentes.

Pensemos que os dispositivos de fundo que devemos ter em mente são: a família, o território em que vive o sujeito e, em uma extensão ou enquadre mais abrangente, o país em que vivemos, que emergiu a partir da violência contra indígenas, africanos e seus descendentes.

Ao considerarmos o ambiente de forma mais abrangente, tangenciamos o conceito de metaenquadre e, ao desconsiderarmos “as molduras” do Brasil – que por meio do mito da democracia racial encobre a trama histórica de nossa fundação –, tornamo-nos cúmplices da manutenção de uma sociedade que impede que crianças, sobretudo as racializadas, possam vivenciar experiências que lhes tragam a confiança necessária para o desenvolvimento de seu potencial criativo.

Consoante Souza²⁰, a família “é o lugar primeiro onde a ação constituinte do Ideal do Ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser percorrido, antes mesmo que o negro, ainda não sujeito, a não ser do desejo do Outro, construa seu projeto de chegar lá”.

A relação inicial mãe-bebê pode gerar angústia devido ao desamparo do bebê, amplificado

por um ambiente que não oferece suporte adequado (ambiente tantalizante). Essa dinâmica reflete processos históricos, como a abolição incompleta da escravidão, que perpetuou a exclusão e a falta de integração plena na nova ordem social.

Elaine Costa²¹ considera que:

[...] o enquadre da família, as regras familiares, funcionam como metaenquadre para o casal e para o sujeito singular. O enquadre de uma organização funciona como metaenquadre para os pequenos grupos nela alocados. Os enquadres amplos – políticos, jurídicos etc. – operam como metaenquadre para todos, nas organizações, nas comunidades, nas famílias, na vida particular do sujeito. Essas constantes nos guiam psíquica e socialmente, até mesmo quando se trata da tentativa de mudá-las, rompê-las e superá-las. Isso posto, considero que, no Brasil, dentre outros, o racismo é um dos metaenquadres.

A autora supracitada considera o racismo como “um dos metaenquadres ideológicos que estruturam os mais variados âmbitos da vida de todos que aqui habitam”²². Então, como fica a possibilidade de se criar ilusão criativa (transferência) se ambos os cenários – o maravilhoso e o aterrorizante –, sobretudo este último, seguir sendo denegado?

Considerações finais

À guisa de conclusão, acreditamos que devemos seguir trabalhando e pesquisando de modo a ampliar os debates sobre a real possibilidade de uma psicanálise no Brasil, psicanálise que possa contemplar os sujeitos que se apresentam em busca de uma escuta sob uma perspectiva decolonial,

10 M. Khan, *op. cit.*, p. 169-170.

11 M. Milner, “Aspects of symbolism in comprehension of the not-self”, *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 33, p. 181-195.

12 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 489.

13 J. Bleger, “Psicanálise do enquadre psicanalítico”, *Simbiose e ambiguidade*.

14 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 486-492.

15 D.W. Winnicott, “Formas clínicas...”, p. 491.

16 R. Kaës, *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*.

17 R. Kaës, *op. cit.*, p. 68-69.

18 J. Bleger, *op. cit.*, p. 103-105.

19 R. Kaës, *op. cit.*, p. 20.

20 N.S. Souza, “Narcisismo e ideal do ego”, in *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, p. 36.

21 E.S. Costa, “Racismo como metaenquadre”, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 62, p. 150.

22 E.S. Costa, *op. cit.*, p. 150.

em que a compreensão dos efeitos psíquicos da violência fundante desse país não seja, com efeito, descredibilizada. Será preciso, portanto, evocar o que propõe Reis²³, ou seja, pensar em “uma clínica que faça ligações onde elas não existem”, o que necessitará de “uma escuta e uma atenção abertas para aquilo que está lá, mas em outro lugar, estando clivado, não se inscreve, mas permanece ali como uma sombra”.

E escutar, o que é? Reis nos responde que é algo para além de uma escuta flutuante do(a) psicanalista, uma escuta que possa acessar “o cuidado inquieto e angustiado com os tempos em que vivemos. Escutar é olhar para a clivagem que enuncia a transmissão dessas marcas que trazemos

inscritas na pele, seja ela negra ou branca”²⁴.

A nós, psicanalistas, negros ou brancos, resta a tarefa de nos atentarmos aos processos transferenciais e contratransferências na clínica psicanalítica e nos espaços psicanalíticos que ainda apresentam uma grande dificuldade de lidar com a temática das relações raciais, uma vez que “a cultura brasileira é soterrada por camadas da colonização e da escravatura. [...] de uma espessura tão grande que cobrem nosso tecido social até os dias de hoje, de certo modo estruturando o racismo à brasileira”²⁵, sendo esta a moldura, ou o *frame*, ou o *setting analítico*, ou ainda o enquadre e o metaenquadre que consideramos necessário no pensar e no fazer psicanálise no Brasil.

23 E.S. Reis, “Transmissão transgeracional: subjetivação do trauma coletivo”, *Primórdios*, v. 6, n. 6, p. 57.

24 E.S. Reis, *op. cit.*, p. 64.

25 A. Egídio e M. A. Miranda, “Relações inter-raciais no campus: desconstruindo pactos denegativos”, *Revista Trama*, ano 3, n. 3.

Referências bibliográficas

- Bleger J. (1967). Psicanálise do enquadre psicanalítico. In *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Coelho Jr. N. E. (2018). A matriz ferenciana. In *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura*. São Paulo: Blucher.
- Costa E.S. (2015). Racismo como metaenquadre. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 62, p. 146-163. Disponível em: <www.scielo.br/j/rieb/a/CL-zymtsWbbjRhLwnKT3yZPr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2025.
- Egídio A.; Miranda M. A. (2021). Relações inter-raciais no campus: desconstruindo pactos denegativos. *Revista Trama*, ano 3, n. 3, 2021. Disponível em: <www.sedes.org.br/Departamentos/Revistas/psicossomatica_psicanalitica/index.php?ap=artigo_view&ida=61&ori=edicao&id_edicao=3>. Acesso em: 20 maio 2025.
- Ferenczi S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas. Psicanálise IV*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Gonzalez L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. São Paulo: Zahar.
- Kaës R. (2011). *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola.
- Khan M. (1984). Regressão e integração no *setting analítico*: estudo clínico sobre os aspectos transferenciais e contratransferenciais desses fenômenos. In *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Milner M. (1952). Aspects of symbolism in comprehension of the not-self. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 33, p. 181-195.
- Minerbo M. (2020). *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Blucher.
- Pereira A.M. (2013). “A Lei 10639/03 e as/os agentes da lei”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-lei-10-639-03-e-os-agentes-da-lei/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Reis E.S. (2019). Transmissão transgeracional: subjetivação do trauma coletivo. *Primórdios*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 45-66.

Souza N.S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal.

Winnicott D.W. (2019). A localização da experiência cultural. In *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu.

_____. (1945/2021). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu.

_____. (1954/2021). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu.

_____. (1955-56/2021). Formas clínicas da transferência. In *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu.

The frame of Brazil: *Aquarela Brasileira* or Samba do Crioulo Doido?

Abstract This article explores the representations of Brazil through the sambas-enredo *Aquarela Brasileira* of Silas de Oliveira and *Samba do Crioulo Doido* by Stanislaw Ponte Preta, to think about concepts such as “moldura”, frame, analytical setting, framework and meta-frame crossed by racist violence, aiming at a reflection on the psychic effects of racist violence and the need for a decolonial approach in psychoanalytic clinic.

Keywords potential space; denial; meta-frame; psychoanalysis; racism.

Texto recebido: 03/2025.

Aprovado: 05/2025.